

RESENHAS

JAPIASSU, Hilton.

Para ler Bachelard.

Rio de Janeiro. Editora Francisco Alves.

Hilton Japiassu nasceu em Carolina, no Maranhão. Doutorou-se em Filosofia, na França, e lecionou Epistemologia das Ciências Humanas e Filosofia da Ciência na PUC/RJ e no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ.

Para ler Bachelard, é um livro que pretende expor as grandes linhas do pensamento bachelardiano, remetendo o leitor, sempre que possível, às obras do filósofo.

No capítulo 1, "O filósofo e seu tempo", Japiassu assinala que tanto a vida quanto o pensamento de Bachelard foram descontínuos, entrecortados. Faz uma rápida análise das teses publicadas em 1928, ou seja, "Ensaio sobre o conhecimento aproximado" e "Estudo sobre a evolução de um problema de física: a propagação térmica dos sólidos", que marcaram a presença do autor no mundo intelectual francês. Neste 1º capítulo ainda são apresentados: a noção de tempo, que para Bachelard "só tem uma realidade: a do instante" (p. 22), e os conceitos de Razão e Imaginação identificados respectivamente com o homem diurno (da ciência) e o homem noturno (da poesia).

O 2º capítulo, intitulado "O pensamento de Bachelard", é o capítulo central do livro, onde Japiassu analisa a vertente científica e a vertente poética da filosofia bachelardiana, subdividindo o texto em seis itens, a saber:

1) **A Filosofia das Ciências** — onde é apresentada a preocupação de Bachelard de "criar uma filosofia capaz de se adequar às ciências contemporâneas" (p. 36).

A partir da Filosofia do Não, o filósofo pretende a fundação de uma filosofia não-filosófica, isto é, de uma filosofia científica.

2) **O projeto filosófico** — o projeto filosófico de Bachelard está contido em três preocupações básicas que, no dizer de Japiassu, são: a) "Bachelard apóia-se na reorganização das ciências físicas contemporâneas, não somente para defender as novas ciências contra as deformações e as explorações que delas faziam as filosofias do conhecimento tradicionais, mas porque as ciências repousam sobre um passado 'reformado'" (p. 49).

b) As adequações da filosofia às ciências contemporâneas, fazendo com que cada ciência tome consciência da filosofia que implicitamente encerra.

c) Para que as duas preocupações anteriores sejam resolvidas, Bachelard elabora certas categorias fundamentais e conceitos diretrizes para sua epistemologia, além de teses propriamente filosóficas.

Essas categorias epistemológicas fundamentais são:

a) Racionalismo aplicado — que implica os conceitos de: epistemologia histórica, objetividade, problemática, método científico e aplicação.

b) Materialismo técnico — através desta categoria são estudados os instrumentos de precisão, o conceito de cidade científica e as questões do determinismo.

c) **Psicanálise do conhecimento objetivo** — através da qual são estudados os conceitos de “obstáculo epistemológico, ruptura, vigilância e também o problema da continuidade ou descontinuidade da história das ciências.

Neste item, a respeito do projeto filosófico de Bachelard, são ainda trabalhadas as noções de verdade (que ocupa o lugar da noção científica de objetividade); obstáculos epistemológicos (como por exemplo a opinião); o duplo caráter da história das ciências (normatividade e recorrência); do progresso das ciências e da história das ciências (dialéticos).

São ainda apresentadas três teses extraídas do pensamento de Bachelard:

- a) A respeito da objetividade dos conhecimentos científicos,
- b) A respeito da categoria de verdade,
- c) Quanto à afirmação do caráter dialético do progresso das ciências.

3) **A pedagogia científica** — Neste item, Japiassu assinala que o projeto pedagógico de Bachelard é a tradução de sua filosofia das ciências e do projeto filosófico, todos problematizados em termos de **obstáculo**, uma vez que, tanto o conhecimento científico quanto a educação contam com os respectivos obstáculos.

É enfatizada a postura do filósofo a respeito da dialética mestre-aluno e da educação permanente.

4) **A epistemologia da razão aberta** — Japiassu faz, aqui, um paralelismo entre a postura epistemológica de Bachelard e a de outros filósofos. Assim, esquematicamente, temos:

Bachelard

Outros filósofos

- | | |
|---|---|
| — Realismo construído progressivamente. | — Realismo construído como sistema a priori. |
| — Epistemologia da razão aberta. | — Epistemologia da razão fechada. |
| — Memória racional. | — Memória empírica. |
| — Mundo retificado. | — Mundo destruído e mundo construído (Descartes). |

Ainda são tratadas as categorias psicanalíticas que Bachelard introduz em sua epistemologia, uma vez que pretende psicanalisar o conhecimento, analisando o processo de construção e de reconstrução epistemológicas do saber. A noção de obstáculo epistemológico vem a ser o ponto de intersecção da psicanálise com a epistemologia.

5) **A fenomenologia da imaginação** — A fenomenologia das imagens deve ser elaborada porque a fenomenologia “pode nos ajudar a restituir a subjetividade das imagens e a avaliar sua amplitude, sua força e seu sentido de transsubjetividade. A fenomenologia fornece a idéia do **ponto de partida**. Ela substitui a imagem-objeto pelo ato de consciência” (p. 87).

Neste item são introduzidas as noções de anima e de animus.

6) **Antropologia da linguagem** — Diz Japiassu que as vertentes científicas e poética de Bachelard têm unidade devido ao papel estrutural, arquetônico ou criador, tanto da Razão científica quanto da Imaginação poética.

Ciência e poesia são criações do homem, este ser que fala. Assim, a linguagem científica é uma linguagem segunda, que deve evitar o uso de metáforas na estruturação de um pensamento, enquanto a palavra poética é a linguagem instauradora de sentido, a linguagem primeira, ambas advindas de uma imaginação transcendental. ●

Na conclusão o autor analisa os pontos convergentes do pensamento de Bachelard:

1. Apesar de tratar de ciência e de poesia, a obra de Bachelard tem “unidade de inspiração e de movimento” (p. 115).

2. “A compreensão de toda obra de Bachelard, tanto da científica, quanto da poética, deverá ser feita em sua dupla polaridade psíquica, por um **cógito** ao mesmo tempo sonhador e plenamente em estado de vigília” (p. 117), isto é, não podemos esquecer a dupla perspectiva de animus e anima.

3. “Ciência e poesia, dois domínios especificamente ontogenéticos, não somente ultrapassam mas renovam e criam o mundo, substituindo-lhe sua matéria por uma ‘matéria numenal’” (p. 119).

4. Bachelard trabalhou na construção de dois mundos que se opõem, o da ciência e o do onirismo, o Dia e a Noite, Animus e Anima, “duas felicidades diferentes: uma de tensão, a outra, ao contrário, de extensão (ou de plenitude)” (p. 120).

5. Japiassu termina apresentando alguns traços da personalidade de Bachelard. Relata alguns depoimentos de pessoas que o conheceram, seu amor pela pedagogia das relações mestre-aluno, sua revolta contra o ensino imposto, sua preocupação estética.

Após estas conclusões o autor anexa um apêndice que denomina Ruptura Epistemológica onde pretende, segundo suas próprias palavras, apenas propor alguns elementos de epistemologia comparada entre as elaborações de Bachelard e outras que também celebram a descontinuidade do progresso das ciências.

Assim, a primeira comparação é feita com Popper, que, segundo o autor, propõe quase as mesmas questões que Bachelard além de suas elaborações serem semelhantes e contestarem a epistemologia positivista.

Continuando, diz Japiassu, que apesar de não ter sido feito, ainda, um estudo comparativo profundo das epistemologias de Bachelard e de Kuhn, esta convergência pe possível em razão de ambos sustentarem a descontinuidade da história das ciências.

No final do livro, são anexados alguns textos de Bachelard.

Não resta a menor dúvida de que **Para ler Bachelard**, de Hilton Japiassu é uma porta aberta para aqueles que pretendem introduzir-se na filosofia bachelardiana.

GABAUDE, Jean-Marc.
Le jeune Marx et le matérialisme antique.
 Toulouse, Privat, 1970.

Entre as pesquisas recentes sobre a obra marxiana, o livro do Dr. Gabaude foi o primeiro a ter como centro de preocupação a tese de doutorado de Marx.

O Dr. Jean-Marc Gabaude é professor de Filosofia Moderna e Contemporânea na Universidade de Toulouse-le Mirail, membro do conselho de redação da revista **Philosophie**. É ainda estudioso do epicurismo antigo.

O presente estudo resultou de cursos que o Dr. Jean-Marc ministrou em Toulouse, entre 1967-1969. O ponto de partida foi a dissertação do jovem Marx sobre Demócrito e Epicuro, e o objetivo, estudar o materialismo atomista.

Defendendo a tese de que "Marx nunca foi hegeliano e, ademais, nunca se reconheceu como discípulo de quem quer que seja (...)" (p. 10) nosso autor procura evidenciar a influência, sobre Marx, da "filosofia clássica alemã" (p. 10). E também a crítica de Marx a Hegel, "no que concerne à sua apreciação de Epicuro" (p. 10), embora Marx utilize a linguagem e o método hegeliano.

A relevância da tese de Marx é devida ao fato de constituir "a primeira reflexão organizada do pensamento de Marx (...) em busca de uma filosofia original, apta a responder às necessidades da época" (p. 10).

O escrito se refere ao período em que a filosofia madura de Marx não está ainda esboçada; contudo, segundo Gabaude, na tese de Marx já se pode discernir a insatisfação do pensador perante as filosofias de seu tempo e a sua busca de uma nova visão totalizadora.

Pondo em evidência o caráter de descoberta e criação que caracterizou a evolução do pensamento de Marx, o estudioso francês afirma que "sua [de Marx] evolução foi contínua até 1847" (p. 11) e que é "através de um trabalho universitário e de uma reflexão sobre a filosofia antiga que Marx elabora seu pensamento em 1841" (p. 11).

As interpretações brilhantes e a originalidade das abordagens feitas por Marx a propósito do epicurismo e atomismo antigos, tornam a leitura de sua tese obrigatória.

Assim, "o interesse de estudar a dissertação de doutoramento [de Marx] é duplo: de um lado, como caminho para nos aproximarmos de Demócrito e Epicuro; de outro, compreensão da gênese do pensamento do autor de O Capital" (pp. 12-13).

O livro de Gabaude é dividido em seis capítulos. No primeiro, apresenta o jovem Marx, como um historiador da filosofia e filósofo; no segundo, aborda a gênese do materialismo antigo, de Tales a Demócrito; no terceiro, explicita as diferenças entre Demócrito e Epicuro; no quarto expõe e critica a teoria de Marx sobre Demócrito e Epicuro; no quinto, estuda a dialética da atração e da repulsão, segundo Kant, Hegel, Marx e suas relações com os materialismos atomista e epicurista; no sexto, apresenta o racionalismo de Epicuro, sua crítica à religião e relação com o racionalismo prometéico marxista.

O fecho da obra é constituído pela apresentação das observações feitas ao texto do Dr. Jean-Marc por Émile Callot, Auguste Cornu, Jacques Ponnier e o Pe. Jean Cardonnel. Uma extensa bibliografia encerra o volume.

Um dos capítulos mais interessantes corresponde ao estudo de Gabaude sobre o mito prometéico em Epicuro e Marx, passando pela retomada do mito ao lon-

go da literatura e da filosofia, pela Idade Média, entre os humanistas, no século XVIII, pelo idealismo alemão.

Trabalho cuidado e original, o texto do pensador francês é sugestivo e interessante, abrindo perspectivas novas para a leitura de Marx.

Constança Marcondes Cesar
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

PUBLICAÇÕES DA UNIV. DE TOULOUSE — LE MIRAIL

1968 — **Le Temps et la Mort dans la Philosophie Espagnole Contemporaine**, Toulouse, Privat.

Trabalho publicado pela equipe de pensamento ibérico e ibero-americano de Toulouse, prefaciado por Georges Bastide, apresenta uma antologia da filosofia espanhola: Entralgo, Zubire, Marías, Martin Santos, Cobos, José Gros, Ferrater Mora, Fernández de Castillejo, Valle Inclán, Aranguren, em cuidadosa seleção e tradução de textos, são apresentados. Um estudo sobre "O tema da morte entre os poetas mexicanos de hoje" de Fenet-Garde, também faz parte do livro.

1971 — **Le temps et la Mort dans la Philosophie Contemporaine d'Amérique Latine**, Toulouse, Association des publications de l'Université de Toulouse — Le Mirail.

Prefaciado por Georges Hahn, a antologia apresenta textos selecionados pela equipe de pesquisa da Universidade de Toulouse, associada ao CNRS. Dois autores brasileiros se encontram representados no volume: Maria do Carmo Tavares de Miranda e Vicente Ferreira da Silva. Os autores: León-Portilla, Carretero, Francisco Romero, L. Farré, Bolzani, Basave, Botery, foram também traduzidos. A tradução é comentada e precedida de uma introdução a propósito do autor e da relevância do texto. O trabalho é cuidado e fiel ao original; traduções primorosas.

1972 — **Pensée Ibérique et finitude**, Toulouse, Association des Publications de l'Université de Toulouse — Le Mirail.

Tendo como subtítulo: "ensaios sobre o tempo e a morte entre alguns pensadores espanhóis e portugueses contemporâneos", a obra obedece a plano semelhantes ao texto sobre o tempo e a morte na filosofia contemporânea da América Latina. A equipe vinculada ao CNRS teve colaboração de outros professores de portugueses e espanhol de Toulouse e da Universidade do Porto. Os autores estudados foram: José Gaos, Antero de Quental, Blasco Ibáñez, Unamuno, I. Cernuda, Huéscar. Abrange ainda um estudo de Laffranque sobre a problemática do tempo na filosofia espanhola e textos (antologia) de L. Cernuda e outro de Huéscar.

1974 — **Penseurs hétérodoxes du Monde Hispanique**, Toulouse, Association des Publications de l'Université de Toulouse — Le Mirail.

Com uma introdução de Pierre Maxime Schuhl, o livro apresenta uma série de estudos da equipe de Toulouse sobre Léon Hebreu, Las Casas e Vitoria, Ce-

riol e Lópes de Vega, Solano, o kramsismo espanhol, Unamuno, Antonio Machado, Xiran, G. Bueno, Caso e Vasconcelos, Samuel Ramos, Salvador Allende. E também um estudo sobre a ideologia da Espanha ortodoxa do séc. XVII, e suas contradições.

1977 — **Philosophes ibériques et ibéro-américains en exil.** Toulouse, Association des Publications de l'Université de Toulouse — Le Mirail.

Prefaciado por André Robinet, o livro é uma coletânea de ensaios a propósito de Turmeda, Vivés, ben Israel, Ortega y Gasset, Ferrater Mora, Octavio Paz e Dom Helder Câmara. Organizado pela equipe de Toulouse, mostra "todas as violências da sociedade e da consciência, da religião e da razão" (p. 7), como um grito contra as opressões.

A excelente qualidade dos ensaios torna a leitura obrigatória para todos os que se interessam pela América Latina.

1980 — **Pensée hispanique et philosophie française des lumières.** Toulouse, Association des l'Université de Toulouse-Le Mirail.

Prefaciado por José Lús Abellan, da Universidade Complutense, de Madrid, o livro traz uma série de ensaios, mostrando a repercussão da filosofia francesa no pensamento hispânico dos três últimos séculos.

Estudos sobre: Ramón Campos, o argentino Mariano Moreno, Jovellanos; sobre a liberdade de imprensa e sua discussão nas cortes de Cadix; sobre as relações entre o anarquismo espanhol e os filósofos franceses do século XVIII; sobre as repercussões do pensamento de Rousseau em Unamuno e Joaquim Xiram.

O fecho dos ensaios, escrito por Mansan, aborda o século das luzes na perspectiva do romance de Alejo Carpentier.

Obra coletiva da equipe de filosofia ibérica e ibero-americana da Universidade de Toulouse, reúne trabalhos de professores dessa Universidade.

1983 — **La Femme dans la Pensée Espagnole.** Paris, CNRS/Centre Régional de Publications de Toulouse.

Obra coletiva da equipe de filosofia ibérica e ibero-americana vinculada ao CNRS, da Universidade de Toulouse - le Mirail, prefaciada por Jean Guittou, da Academia Francesa, reúne colaborações de Azam, Cobos, Domergue, do próprio Guittou e Alain Guy (diretor da equipe), Reine Guy, Laffranque, Llinares, Mansan e Quenti-Mauroy.

Trata-se de enfocar o sentido do feminino, ao longo da filosofia espanhola, através de seus expoentes: Berceo, Raimundo Luillo, Fray Luís de León, Ortega y Gasset. As mulheres, do erasmismo ao romance picaresco; o feminismo na *Revista Blanca* publicada entre 1898 e 1905 (Revista dos anarquistas espanhóis).

Aborda ainda a modalidade de vivência do feminino em Tereza d'Ávila; as mulheres-filósofas da Espanha atual, entre as quais se destaca Maria Zambrano, "filósofa católica e progressista", que lutou valentemente contra o fascismo" (p. 116) e cuja antropologia existencial provocou "uma original renovação do espiritualismo" (p. 116). Os estudos sobre as mulheres-filósofas chegam às publicações das autoras, levadas a efeito em 1979.

O livro tem como fecho comentários e fragmentos de textos de Maria Zambrano.

1983 — Alain Guy. **Histoire de la Philosophie Espagnole**. Association des Publications de l'Université de Toulouse-le Mirail.

Livro de excelente qualidade, escrito pelo diretor da equipe de pensamento ibérico e ibero-americano do CNRS.

Professor da Universidade de Toulouse, Membro da Sociedade Espanhola de Filosofia de Madrid, diretor do Centro de Filosofia espanhola e ibero-americana da Universidade de Toulouse — le Mirail, o livro é o resultado de cinquenta anos de pesquisa sobre o assunto. Criador, em 1954, do ensino regular de filosofia espanhola em Toulouse; fundador, em 1967, da equipe de filosofia em língua espanhola e portuguesa vinculada ao CNRS e à Universidade de Toulouse, a qual já publicou oito volumes coletivos; participante de colóquios na França e na Espanha; diretor, a partir de 1973, do doutorado em filosofia ibérica e ibero-americana, Alain Guy — é o grande especialista francês sobre o assunto.

Segundo o autor, o presente livro retoma o projeto da publicação de 1956, **Os filósofos espanhóis de ontem e hoje**, editada por Privat. Trata de promover uma "evocação sistemática (...) do movimento geral do conjunto do pensamento espanhol através dos tempos, com todas as suas famílias espirituais" (p. 3).

O livro é dividido em cinco partes. A primeira trata do pensamento medieval espanhol: a escola de Toledo, Pedro Hispânico, o escotismo, Raimundo Lullo, a polémica contra os infieis e os averroístas, Raimundo de Sebonda, Arnaldo de Vilanova, Turmeda, o tomismo dos séculos XIV e XV, o ecletismo pré-humanista são aí abordados. Os subtemas são sucedidos de bibliografia e indicação seleta de estudos, ao longo de todo o texto.

A segunda parte tem por objeto o século de ouro do pensamento espanhol, ou seja no século XVI e no começo do século XVII, o Renascimento e o Barroco. Os filósofos nominalistas, Herrera, Vivés, El Brocence, Sepúlveda, Ruíz, os ecléticos Oliva, Carvajal, Vallés, Pedro de Valencia, López de Vega; a Escola de Salamanca e os pensadores tomistas. (Vitoria, Cano, Soto, Báñez Juan de Santo Tomas, entre outros; os pensadores jesuítas: Suárez e Molina; os platônicos agostinianos: Lufs de Léon; os heterodoxos: Gímez Pereira, Servet, Huarte, Sabuco; os filósofos-políticos: Juan de Mariana, Pedro de Rivadeneira, Ceriol, Saavedra, Márquez, Gracián — são aí estudados. Bibliografia e estudos seletos seguem cada subtítulo.

Na terceira parte, A. Guy aborda o fim do século XVII e o século XVIII, estudando o eclipse da metafísica e a invasão do cartesianismo (Lobkowitz, Izquierdo, Cardoso); a polémica atomismo-tomismo (Tosca, Berni, Palanco, Lessaca, López de Araujo, Losada, entre outros). O empirismo eclético e seus representantes principais: Feijóo, Piquier; os hierempiristas, a Escola de Valencia; o sensualismo e o liberalismo (Campos, a Arcadia Salmantre, o liberalismo reformista e o revolucionário) e a reação escolástica são abordados, sempre seguido, cada subtítulo, de bibliografia e seleção de estudos.

Na quarta parte o autor estuda o pensamento espanhol do séc. XIX e suas principais escolas: o espiritualismo agostiniano e sensualista (Capilla, Balmes), o espiritualismo catalão (Eixalá, Barba, Menendez y Pelayo); a reação tradicionalista e escolástica (Doniso Cortés e os escolásticos dogmáticos e moderados); o krausismo espanhol; o positivismo e materialismo (González Serrano, Guardia, Mata); as filosofias do espírito (criticismo, ecletismo, hegelianismo, vitalismo espiritualista) e as fi-

ilosofias sociais (o anarquismo, o socialismo, o movimento operário). Bibliografias e estudos escolhidos acompanham também esta parte do texto.

A quinta parte, dividida em duas seções, tem por assunto o pensamento do século XX. Na primeira seção, Guy estuda as correntes filosóficas e os autores representativos de 1900 a 1975. O existencialismo aberto de Unamuno; o raciovitalismo de Ortega y Gasset e da Escola de Madri (Julián Marías, Granell e Gavagorri, Zambrano, Huéscar, José Gaos); o espiritualismo figurativo de Eugenio d'Ors e o espiritualismo introspectivo de Hunter, Carreras, Artan; o correlacionismo de Angel Ruibal; a fenomenologia e o bergsonismo (Garcia Morente, Xiran); o misticismo de Berrueta; o integracionismo de Ferrater Mora; o personalismo e seus representantes: Aranguren, Entralgo, Mañero, Haba, Fullat; o ontologismo vitalista de Zaragüeta, o ontologismo agostiniano de Muñoz Alonso e Turienzo, Rivera de Ventoza e Befill; o ontologismo tomista de Ramirez, González Alvarez, Todolf, Canalis Vidal, Eulogio Palacios e dos estudiosos da Universidade de Navarra; o ontologismo suareziano de Hellín, Cuesta, Pérez Vizcaíno, Alcorta e Roig Gironella e o ontologismo crítico de Candau, Uscatescu, Millán Puelles, Cencillo, Panikker, Rábade; o objetivismo de Zubiri; os estudos de epistemologia e lógica de Turró, Garcia Bacca, Sánchez Mazas, Muñoz Delgado, Amador e Crexells; a filosofia da psiquiatria e psicanálise representada por Maraño, Ibor, Carballo, Martín Santos, del Pino e Sarró; a estética de Mirabent, Sánchez de Munián, del Corral, López Quintas, Ventos; a filosofia política e suas grandes orientações: o falangismo, o fascismo, o monarquismo, o liberalismo, o socialismo, o comunismo e o pensamento libertário dos anarquistas; os estudos de História da Filosofia (Hedó, Cruz Hernández, Artan, Ceñal, Rábade, Imaz, Ferrater Mora, Market) — todos esses campos, correntes e autores são abordados; há indicação de bibliografia e de estudos críticos.

Na segunda seção da quinta parte, Alain Guy aborda o pensamento espanhol posterior a 1975 e os fatores que influíram em sua renovação. A filosofia analítica, o marxismo recente e seus autores: Sacristán, Bueno, Ojea, Muñoz Veiga, entre outros; o neoanarquismo de García Calvo e de Carlos Díaz; o nietzscheísmo de Moreno, González Noriega; o estruturalismo de Trías, o ceticismo de Savater, a filosofia da religião (Aguirre, Dalman, Bolado, González Ruiz, Gómez Caffarena, Otero, Lluís Font) e os historiadores da filosofia (Montero Moliner, Chamizo, Vidal Peña, Flórez Miguel, Ramos, José Luis Abellán, entre outros) são lembrados, bem como suas obras principais.

Obra extensa de pouco menos de quinhentas páginas, o livro de Alain Guy é de leitura obrigatória, para todos os que se interessam pela filosofia espanhola e pela contribuição relevante de seus autores na História da Filosofia ocidental.

Constança Marcondes Cesar
Pontifícia Universidade Católica de Campinas